

**MANUSCRITOS MEDIEVAIS DO ARQUIVO NACIONAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DE PESQUISA**

Leonardo Augusto Silva Fontes¹

(Arquivo Nacional)

leonardo.fontes@ymail.com

Discutir História no século XXI envolve reflexões que também busquem compreender como a pesquisa e o ensino sobre a Antiguidade e o Medievo podem contribuir com as demandas desse século. Como os pesquisadores brasileiros acessam as fontes medievais? Como as instituições arquivísticas, por exemplo, lidam com os manuscritos medievais? Trata-se de documentação rara e sensível, com materialidade e conteúdo muito distintos dos contemporâneos. Isso apresenta um grande desafio àqueles que lidam com esses manuscritos nos órgãos responsáveis pela preservação e acesso desses documentos no Brasil, como a Biblioteca Nacional e o Arquivo Nacional. Geralmente são profissionais não-especialistas no medievo e que encontram inúmeras dificuldades em seu tratamento técnico. Mas cabe refletir e apontar onde estão os manuscritos medievais no país, quais são, como chegaram aqui e como acessá-los. Esses são alguns dos desafios contemporâneos da medievalística nacional.

A partir do século XIII, houve um enorme aumento na produção de manuscritos dos scriptoria (oficinas onde os livros eram escritos, decorados e encadernados, ligados geralmente a um mosteiro, a uma igreja e desde então a universidades e cortes) monásticos e laicos das cidades. Durante a Idade Média, os livros eram manuscritos, mas nem sempre identificados, já que nesta época o conceito de autoria diferia bastante do que se entende atualmente. Isto dificulta às vezes a atribuição de um manuscrito a um ou outro scriptorium, havendo muitas obras registradas como anônimas ou apócrifas.

Os manuscritos medievais eram em sua maioria produções de cunho religioso, como os livros de horas, saltérios e missais, associados à devoção para uso privado.

¹ Esse artigo contou com a colaboração fundamental das bibliotecárias Alexandra Werneck da Silva e Josiane Rodrigues Monteiro, servidoras da Equipe da Biblioteca Maria Beatriz Nascimento, do Arquivo Nacional, que cederam as imagens dos manuscritos e as informações referentes a eles aqui utilizadas.

Incluía calendários, liturgias, orações e salmos penitenciais e possuíam belíssimas iluminuras. Os manuscritos medievais continuavam raros, mas circulavam cada vez mais e eram frequentemente revendidos. O aumento na difusão dos livros nesse momento se deu mais devido ao consumo de um público restrito de publicações praticamente especializadas, não se podendo generalizar uma “cultura do livro” à maior parcela dessa sociedade ainda profundamente iletrada e hierarquizada.

Há poucos exemplares desta época no Brasil, havendo quatro deles no Arquivo Nacional, do século XV, identificados como um saltério, um livro de horas, um livro de orações e um ofício divino. São os documentos mais antigos da instituição, mas que até hoje não estão devidamente identificados e difundidos, diante de sua complexidade material, histórica, arquivística e linguística.

O ACERVO DO ARQUIVO NACIONAL DO BRASIL

O Arquivo Nacional foi criado em 02 de janeiro de 1838, conforme previsto na constituição de 1824, com a finalidade de guardar os documentos públicos e ao longo de sua história se tornou a principal instituição arquivística do país, com um acervo fundamental para a história do país:

O Arquivo Nacional conserva, na sede, no Rio de Janeiro e em sua Coordenação Regional no Distrito Federal, mais de 55 quilômetros de documentos textuais, cerca de 1,74 milhão de fotografias e negativos, 200 álbuns fotográficos, 15 mil diapositivos, 4 mil caricaturas e charges, 3 mil cartazes, mil cartões postais, 300 desenhos, 300 gravuras e 20 mil ilustrações, além de mapas, filmes, registros sonoros e uma coleção de livros raros que supera 8 mil títulos. (ARQUIVO NACIONAL, 2016)

Essa coleção de obras raras, uma das maiores e mais ricas do país, pertence ao acervo da biblioteca da instituição:

“A Biblioteca do Arquivo Nacional foi criada pelo regulamento do Arquivo do Império, anexo ao decreto 6164 de 24 de março de 1876 que estabeleceu em seu artigo 8º que: *Haverá no Archivo Publico uma Bibliotheca, a qual, além da collecção impressa da legislação pátria, conterà obras sobre direito publico, administração, historia e geographia do Brazil. De todas as obras que sobre taes assumptos se imprimirem na Typographia Nacional, o Administrador desta remetterá um exemplar á Bibliotheca do Archivo.* Essa medida legalizou um serviço já existente, pois desde sua

criação, em 1838, o Arquivo Nacional recebia livros e folhetos visando a instalação de uma biblioteca”. (BIBLIOTECA MARIA BEATRIZ NASCIMENTO, 2019)

No decorrer dos anos, a biblioteca foi objeto de diversas reformulações², tanto no que se refere ao tratamento técnico adotado, quanto a linha de acervo. Em 2016, o Arquivo Nacional realizou um concurso para nomear sua Biblioteca, quando o nome de Maria Beatriz Nascimento³ foi vencedor com 85% dos votos.

Cabe destacar que com o passar dos anos, a biblioteca tornou-se uma importante fonte de informação e pesquisa para os estudos de história do Brasil e de arquivologia. Hoje, mantém intercâmbio de publicações com arquivos estaduais e municipais brasileiros e com arquivos nacionais e regionais de vários países. Seu acervo atual é composto por 111 mil exemplares de livros, folhetos, periódicos, teses, dissertações, CDs e DVDs, em mais de vinte idiomas diferentes, dos quais 23 mil volumes são classificados como obras raras.

Em seu acervo de obras raras destacam-se a obra em pergaminho *Seneca Moralis*, de Sêneca (1490); uma Bíblia em latim de 1509; a *Le relationi universali*, de Giovanni Botero (1596); o *Dictionnaire infernal répertoire universel*, de Collin de Plancy (1863), além de quatro manuscritos iluminados medievais do século XV – que são os documentos mais antigos da instituição e de que se trata esse texto. Mas o que são livros raros?

e livro raro é aquele difícil de encontrar por ser muito antigo, ou por tratar-se de um exemplar manuscrito, ou ainda por ter pertencido a uma personalidade de reconhecida projeção e influência no país e mesmo fora dele (por exemplo: imperadores, reis, presidentes), ou reconhecidamente importantes para determinada área do conhecimento (física, biologia, matemática e outras). [...]O uso de critérios de raridade bibliográfica justifica-se pelo fato de que tais livros merecem tratamento diferenciado, visto seu valor histórico, cultural, monetário, e mesmo a dificuldade em obterem-se exemplares. O critério de raridade adotado pelas bibliotecas geralmente está vinculado à idéia de antiguidade e valor histórico-cultural. A idade cronológica leva em conta a aparição da imprensa nos diversos lugares do mundo e/ou na região onde foram impressas as obras e, desta forma, justifica o princípio de que todos os livros publicados artesanalmente merecem ser considerados raros (RODRIGUES, 2006, p. 115).

² A biblioteca Maria Beatriz Nascimento planeja, elabora e controla as atividades de processamento técnico, zela pela conservação das obras sob sua guarda e promove, em conjunto com os setores de atendimento, o acesso a esses materiais, além de apoiar as atividades de difusão do acervo.

³ Maria Beatriz Nascimento (1942-1995) foi historiadora e ativista do movimento negro. Coursou História na Universidade Federal do Rio de Janeiro. No mesmo período, fez estágio em Pesquisa no Arquivo Nacional, com orientação do historiador José Honório Rodrigues.

No caso dos manuscritos medievais iluminados do Arquivo Nacional, não restam dúvidas, portanto, que se enquadram nessa categoria. Esses manuscritos podiam tratar de assuntos históricos, literários ou litúrgicos. Nesse último caso, continham os ofícios do rito católico ou preces para uso individual. Difundidos nos séculos XIV e XV, permitiam a oração silenciosa até então praticamente desconhecida da liturgia da Igreja. É nessa categoria que se enquadram os quatro manuscritos iluminados do Arquivo Nacional.

MANUSCRITOS MEDIEVAIS RELIGIOSOS: PRODUÇÃO E USO

Durante todo o período medieval houve produção de manuscritos; entretanto, sua produção, uso e quantidade foram mudando ao longo desses quase mil anos de História:

Desde a Alta Idade Média até o século XII, a produção do manuscrito estava quase toda reduzida aos *scriptoria* dos mosteiros. O trabalho de confecção de um códice na Idade Média era penoso e lento. Desde o preparo do pergaminho, seu corte e enquadramento, até o planejamento do fólio, levavam-se um tempo razoável. A escrita era muitas vezes vivenciada como verdadeira penitência. A necessidade de apontar os instrumentos a todo o momento, de molhá-los na tinta e de escrever por horas a fio em lugares pouco aquecidos e em posição incômoda, fatigava o escriba. Muitos deles registraram no final do texto o seu cansaço e o alívio por acabar. (FRÓES, 2011, p. 92)

Escrevia-se e lia-se bastante no final da Idade Média, sobretudo material bíblico e litúrgico. “O impacto dessas mudanças foi imenso. Havia empréstimos de manuscritos entre os monastérios e os monarcas, o que relativiza a suposta clausura total dos textos medievais. Quanto aos textos pagãos, nem todos eram copiados” (FONTES, 2013, p. 2). Os manuscritos passaram, assim, a serem produzidos com muito mais intensidade no final da Idade Média, principalmente como instrumento de devoção privada e interiorização da fé cristã:

Por volta do fim do século XIV, o cristão estava dividido entre a exteriorização extrema das práticas religiosas da qual o culto dos santos participa ativamente, mas também a emergência de correntes místicas favorecendo a interiorização da fé. Os nobres são os mais tocados por essa oscilação entre os dois pólos. Os livros de horas, assim como outros textos devocionais para uso particular, se disseminam com força no final da Idade Média, acompanhando este movimento emergência da devoção individualizada (ROCHA, 2012, p. 126).

Como diz Roger Chartier, nesse mesmo momento histórico, acontecem profundas mudanças; dentre elas, a disseminação da leitura silenciosa:

inicialmente restrita aos scriptoria monásticos entre os séculos VII e XI, chega às escolas e às universidades no século XII e, depois, às aristocracias leigas, dois séculos mais tarde. Sua condição é a introdução, pelos escribas irlandeses e anglo-saxônicos da Alta Idade Média, da separação entre as palavras; seus efeitos são verdadeiramente consideráveis, abrindo-se a possibilidade de ler com mais rapidez e, portanto, de ler mais textos e textos mais complexos (CHARTIER, 1994)

No meio dessa verdadeira revolução intelectual, difundem-se os livros de horas – instrumento de devoção pessoal, muitas vezes contendo belas iluminuras e o trabalho de ilustradores baixo-medievais. De acordo com Vânia Leite Fróes, os livros de horas e demais textos devocionais – como os manuscritos medievais do Arquivo Nacional – são verdadeiros tesouros:

Um livro de horas é, assim, um tesouro, uma arca (na tradição bíblica guarda a lei, o decálogo) no sentido mais exato da palavra na Idade Média. Poderá esta ideia também ser associada à sua beleza e preciosidade, riqueza, variedade da composição e valor artístico, a uma maravilha – a mirabilia – para fruição dos sentidos da visão. No entanto, esses códices contêm bem mais do que isso. São verdadeiras enciclopédias medievais que se organizam em torno do tema central da salvação[...] (FRÓES, 2011, p. 92)

Os livros de horas constituem material utilizado por leigos, personalizados, cujo aparecimento coincide com o desenvolvimento da piedade individual e com as modificações da espiritualidade no final do medievo, particularmente aquelas trazidas pelo movimento franciscano: “O final do século XII marcou uma grande transformação no fabrico dos códices. O crescimento urbano, com um público mais letrado e a demanda das universidades, acabou por provocar mudanças expressivas, e a produção” (FRÓES, 2011:93).

Não se deve confundi-los com breviários, missais, saltérios ou outros do gênero. Muitos destes códices trazem intactos o colofão, explicitando a natureza da encomenda e algumas vezes o iluminador ou a oficina. Por isso, cabe agora uma breve tipologia dos textos devocionais do final da Idade Média, em que se encaixam os manuscritos do Arquivo Nacional.

Os saltérios são livros religiosos, especialmente populares na Idade Média, contendo os salmos (poemas que são cantados) a partir da Bíblia, muitas vezes com outros textos devocionais. Os saltérios são:

livros de devoção pessoal que serão posteriormente substituídos pelos livros de horas. Há na tradição cristã a idéia de que Davi teria composto os Salmos quando em penitência por sua transgressão com Betsabéia; a figuração desses pecados vai compor a iconografia dos breviários que trazem os Salmos, como os saltérios e os livros de horas. (NOGUEIRA, 2009: 3)

A récita dos salmos bíblicos como forma de devoção remonta aos judeus da era pré-cristã. Os cristãos adotaram essa prática fazendo do saltério uma ferramenta devocional monástica.

O saltério, considerado a ‘verdadeira oração de Israel’ e também dos primeiros cristãos, é visto, teologicamente, como uma ascensão do desejo de salvação, da união plena do povo com Deus. Tem como objetivo comunicar as vivências e emoções nas quais intervém a pessoa com todas as suas circunstâncias. Os salmos podem ser vistos como um caminho a ser seguido e ao mesmo como um diálogo com Deus. Eles falam, ao mesmo tempo, para o povo e pelo povo. (MOSCHELLA, 2006: 58)

No caso dos livros de horas, Vânia Leite Fróes ressalta sua importância para a espiritualidade cristã baixo-medieval:

Seria difícil falar de um livro de horas anteriormente ao final do século XII e início do XIII. Embora sejam livros de oração cuja estrutura é claramente demarcada pelas horas canônicas (tradição próxima à marcação do tempo proposta pela estrutura monacal), eles se constituem em material utilizado por leigos, personalizados, cujo aparecimento coincide com o desenvolvimento da piedade individual e com as modificações a partir de Latrão e do movimento franciscano. É preciso, portanto não confundi-los com breviários, missais, saltérios ou outros do gênero, embora estes livros estejam na base de seu aparecimento. Os livros de horas constituem instrumento de devoção pessoal, lindamente ornados e trabalhados com esmero por grandes artistas do baixo medievo. O material iconográfico apresentado é rico em temas do cotidiano, das sensibilidades religiosas, da organização das temporalidades e das diferentes representações dos espaços cristãos.

Já os breviários são livros litúrgicos que contêm todas as partes do ofício coral, ou seja, as horas canônicas cantadas no coro. Segundo Isaías da Rosa Pereira, “não existem breviários anteriores ao século XIII, porque as varias partes do ofício se continham em livros separados: salterio (que os monges e clérigos sabiam de cor),

antifonario, leccionário, etc” (PEREIRA, 1996, p. 141). Um breviário medieval é sempre acompanhado por um calendário, o que permite determinar a região para onde foi escrito, a partir das festas dos santos peculiares a uma diocese e da comemoração da dedicação das igrejas.

Rodrigo Martië ressalta que o breviário traz de forma sistematizada, os textos necessários para celebração desta prática litúrgica e que

A unificação de todos os textos no breviário acabou por se tornar padrão e, uma vez que a fórmula fora descoberta, popularizou-se e passou a ser utilizada tanto em comunidades capitulares de catedrais e basílicas, quanto em comunidades monásticas também. (MARTIE, sd)

Por fim, cabe finalizar a tipologia dos livros litúrgicos que está presente no acervo do Arquivo Nacional com o ofício de defuntos, que é uma herança carolíngia anterior à fundação de Cluny e tinha um papel central nestas comemorações dos defuntos. O Ofício de Defuntos só se torna obrigatório depois do Concílio de Trento. No que respeita à temática dos textos do Ofício de Defuntos, “esta tem a ver com a doença e a morte, por um lado expressando os sentimentos do defunto, e por outro encontramos também orações pelos defuntos.” (CHAVES, 2018, p. 18). O Ofício de Defuntos é difundido pelos mosteiros a partir do século XIII, embora, desde os tempos apostólicos possam encontrar-se textos alusivos à oração pelas almas.

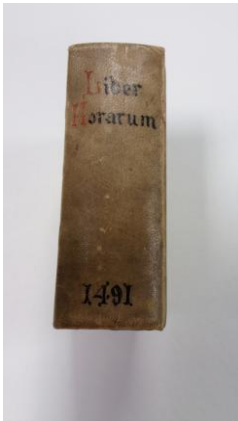
MANUSCRITOS ILUMINADOS DO ARQUIVO NACIONAL

Os quatro manuscritos medievais iluminados são, portanto, bastante representativos da devoção privada dos fins da Idade Média, a saber:

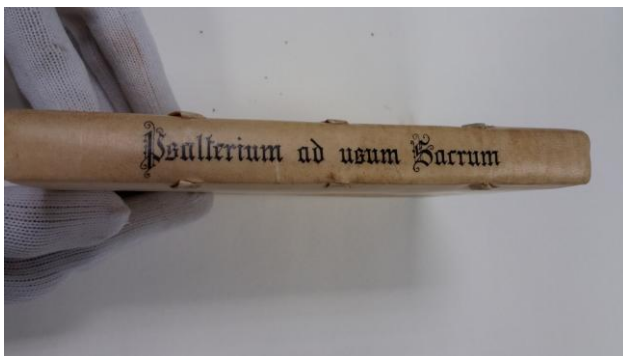
- OR⁴ 4709 - Liber Horarum (1491): Manuscrito em latim sobre pergaminho fino. Contém um calendário, salmos e algumas capitais iniciais em ouro e em cores. Ornamentado com arabescos, flores, frutos e animais, nele se destaca uma figura do rei Davi segurando uma harpa. Tem indicação de ter pertencido a Soror Maria Edmunda Gashet (1772), orações posteriores em alemão ou holandês e latim, está listado no catálogo dos códices manuscritos da biblioteca Trivulziana. É colorido, possui identificado calendário, salmos e texto em latim com caracteres em gótico.

⁴ OR = OBRA RARA.

Além disso, calendário completo com caracteres iniciais alternados em vermelho e azul. Iniciais iluminadas com bordas de página, algumas a ouro e a cores. Ornamentação em arabescos com predominância de flores e frutos. Ex- libris do Arquivo Nacional.

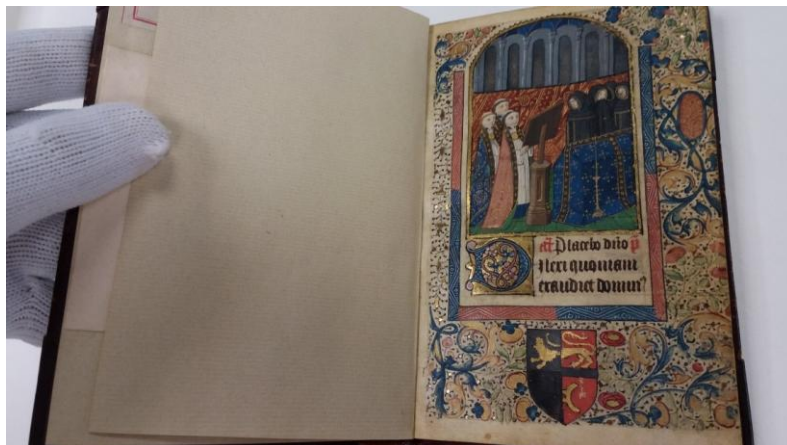


- OR 4710 - *Psalterium ad usum sarrum* (séc. XV): O acervo inclui também um saltério ou livro de horas, provavelmente do século XV, também em pergaminho com capitais ornamentadas e historiadas. Nele encontram se miniaturas de São Miguel Arcanjo, São João Batista, do apóstolo João, entre outros. Contêm orações várias, salmos, antifonas e ladainha de todos os santos. Texto em Latim com caracteres em Gótico. Iluminuras grandes. Capitais historiadas e ornamentadas, provavelmente iluminadas a ouro e a cores. Ornamentação em arabescos com predominância de flores. Cortes superior, lateral e inferior em dourado. Lombada: Inscrição em gótico, Salterium ad Usum Sarrum. A encadernação é contemporânea, não original.

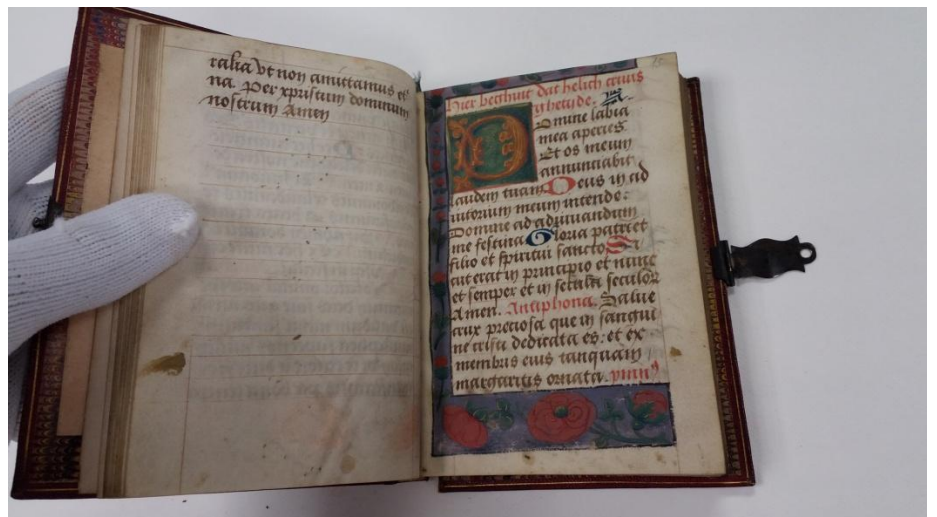
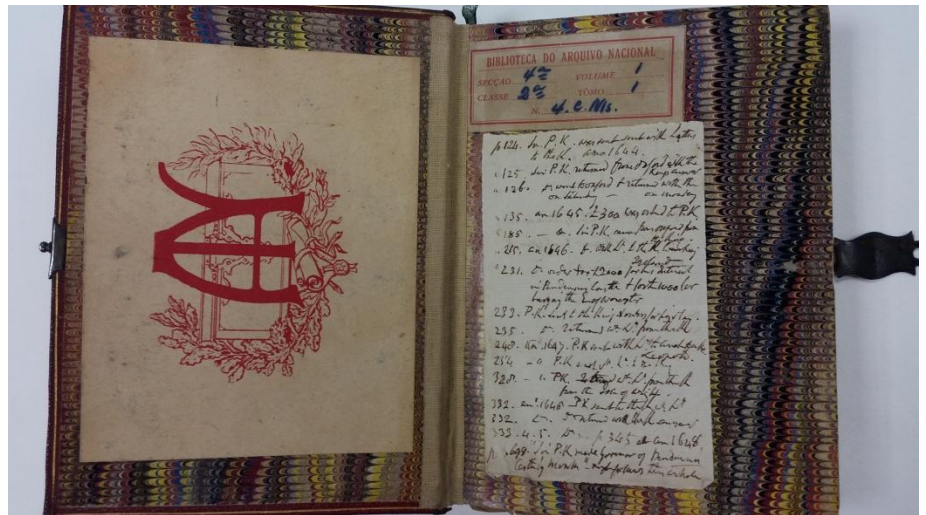
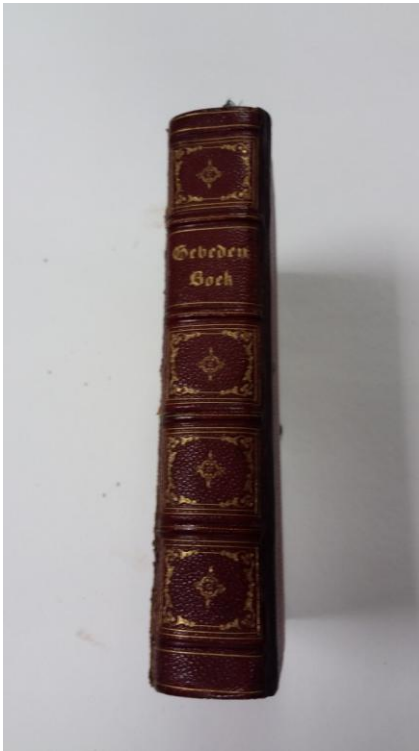




- OR 4711 - [Ofício de Defuntos, 1450]: O ofício de defuntos, conjunto de preces em memória dos mortos, foi provavelmente produzido em 1450. Manuscrito em flamengo, contém a miniatura de um serviço funeral e várias capitais em vermelho, azul e branco iluminadas a ouro. Identificados orações e salmos. Iluminura grande. Várias capitais em vermelho, azul e branco, iluminadas a ouro. Manuscrito flamengo em pergaminho, Ofício de Defuntos, provavelmente do século XV – assim descrito por um autógrafo em língua inglesa, nos tempos modernos, aposto à folha de guarda do mesmo códice.



- OR 4712 - Gebeden Boek (séc. XV). Título gravado na lombada: “Gebeden boek”, que significa “missal” em holandês. Original, com intervenções, e confeccionada posteriormente à data da obra. Capa inteira em couro, com intervenções, e com fecho. Apresenta florões e moldura douradas a ouro.



Exibidos na década de 1950, os manuscritos foram selecionados para integrar a exposição *Viagens italianas*, em 2011, por representar um testemunho importante da influência da Igreja Católica no mundo e por constituir um conjunto de extrema raridade no Brasil.” (ARQUIVO NACIONAL, 2017)

A coleção de manuscritos iluminados do Arquivo Nacional é a segunda maior do Brasil⁵, ficando atrás apenas da Biblioteca Nacional, que conta com nove em seu acervo: “O acervo abrange nove livros de horas, mas devido às características e estrutura identificamos, neste trabalho, apenas àqueles produzidos na segunda metade do século XV.” FAILLACE, 2009, 9)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a medievística tenha crescido de forma expressiva no Brasil nos últimos anos, muito do material manuscrito que se encontra no Brasil, quer na Biblioteca Nacional, no Arquivo Nacional ou em outras instituições, restam praticamente inéditos e sem estudos. Portanto uma pesquisa destes manuscritos acrescentará à reflexão da história medieval no Brasil.

Esses manuscritos praticamente não foram estudados – sendo um material inédito de pesquisa, um desafio para os medievalistas brasileiros. Refletir sobre a procedência esses documentos e sua invisibilidade até recentemente e até mesmo as relações entre documentos de arquivo e de biblioteca – são algumas questões levantadas por esse rico material.

Além disso, é inserir o Brasil e suas instituições de memória no mapa mundial dos manuscritos medievais, tão raros e tão importantes não só para os estudos históricos, mas também arquivísticos e biblioteconômicos – ampliando o conhecimento sobre a história do livro, da circulação das ideias e do saber.

⁵ Atualmente esses manuscritos estão passando por um processo de digitalização e o acesso ao acervo de obras raras está interrompido: “Informamos ao público a interdição temporária do acervo bibliográfico de obras raras sob a guarda da Biblioteca Maria Beatriz Nascimento, do Arquivo Nacional, até **01/09/2019**, para realização de atividade preventiva.” <http://www.arquivonacional.gov.br/br/ultimas-noticias/1806-aviso-interdicao-temporaria-de-acervo-bibliografico.html>

BIBLIOGRAFIA

ACERVO. Arquivo Nacional. 30 mar. 2016.
<<http://arquivonacional.gov.br/br/institucional/acervo.html>> Acesso em 25 jun. 2019.

BIBLIOTECA MARIA BEATRIZ NASCIMENTO.
<<http://biblioteca.an.gov.br/scripts/bnportal/bnportal.exe/index>> Acesso em 28 jun. 2019.

CHARTIER, Roger. *Do códice ao monitor: a trajetória do escrito*. Estud. av. vol.8 no.21 São Paulo May/Aug. 1994. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200012.
Acesso em 12 jun 2019.

CHAVES, Zuelma Paula Miranda Duarte. *O Ofício de Defuntos – repertório musicado monódico, em fontes portuguesas, até c. 1700*. Dissertação de Mestrado em Ciências Musicais - Variante de Musicologia Histórica (Universidade Nova de Lisboa), 2017.
<https://run.unl.pt/bitstream/10362/51880/1/Disserta%20c3%a7%20c3%a3o%20-%20Zuelma%20Chaves%2028RUN%29.pdf>

FAILACE, Vera Lúcia Miranda. *Catálogo dos Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2694/CPDOC2009VeraLuciaMirandaFailace.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

FONTES, Leonardo Augusto Silva. “A oficina régia e a cultura escrita no reinado de Afonso X (Castela e Leão, 1252-1284)”. *Anais do XVII Simpósio Nacional de História*, Natal, 2013.
http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364509979_ARQUIVO_AnpuhLeonardoFontes.pdf

FRÓES, Vânia Leite. O livro de horas dito de D. Fernando – maravilha para ver e rezar. In: *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, Vol. 129, 2011, p. 83 – 135. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/producao/publicacoes/anais-biblioteca-nacional-vol-129-2009> Acesso em 01 jun 2019.

MARTTIE, Rodrigo Mourão. “Breviários medievais - análise de três fragmentos do Arquivo Real da Noruega”. S.d.
https://www.academia.edu/9558086/BREVI%20C3%81RIOS_MEDIEVAIS_AN%20C3%81LISE_DE_TR%20C3%81S_FRAGMENTOS_DO_ARQUIVO_REAL_DA_NORUEGA

NOGUEIRA, Isabel Candolo. “Betsabeia e os livros de horas medievais”. *Anais do Simpósio Nacional de História – Fortaleza*, 2009.
<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.25/ANPUH.S25.0411.pdf>. Acesso em 17 jun 2019.

MOSCHELLA, Fernanda Tresinari Bertinato. *A música em Israel e Palestina Antigos: O uso dos instrumentos de cordas, sopro e percussão no Salterio Davídico*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

OS MANUSCRITOS ILUMINADOS do Arquivo Nacional. Arquivo Nacional. <http://www.arquivonacional.gov.br/br/ultimas-noticias/759-os-manuscritos-iluminados-do-arquivo-nacional.html> 11 out 2017. Acesso 12 jun 2019.

PEREIRA, Isaías Rosa. Dos Livros e Dos Seus Nomes Bibliotecas Litúrgicas Medievais. "SIGNO. Revista de Historia de la Cultura Escrita" 3 (1996) Universidad de Alcalá de Henares, pp. 133-161. 1996. https://ebuah.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/7501/dos_rosa_SIGNO_1996.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em 12 jun 2019.

PINHEIRO, Ana Virgínia. *O livro raro: formação e gestão de coleções bibliográficas especiais: (planos de aulas)*. Rio de Janeiro, 1998.

PINHEIRO, Ana Virgínia. *Glossário de codicologia e documentação*. Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v.115, p.123-213, 1995. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_115_1995.pdf>. Acesso em 06 set. 2011.

ROCHA, Tereza Renata Silva. *Ver para Crer - Imagem e persuasão nos manuscritos da Légende dorée*. Tese (Doutorado em História, Universidade Federal Fluminense), 2015. https://www.academia.edu/15056421/Ver_para_Crer_-_Imagem_e_Persuas%C3%A3o_nos_manuscritos_da_L%C3%A9gende_dor%C3%A9e_Jean_de_Vignay_s%C3%A9culos_XIV-XV

RODRIGUES, Márcia Carvalho. Como definir e identificar obras raras? Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. Ci. Inf., Brasília, v. 35, n. 1, p. 115-121, jan./abr. 2006. <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n1/v35n1a12.pdf>> Acesso em 01 jul. 2019.